

A REPRESENTAÇÃO DO AMOR NA LÍRICA CAMONIANA

Marcos Paulo de Azevedo (UERN)

marcos_h.p@hotmail.com

Maria Joseane Rodrigues Silva (UERN)

joseanesilva_29@hotmail.com

Introdução

Luís Vaz de Camões é considerado o primeiro grande poeta da Língua Portuguesa, tendo se destacado tanto na poesia lírica quanto na épica. Nesta última escreveu *Os Lusíadas*, verdadeiro monumento literário igualado a outras epopeias clássicas como a *Eneida* de Virgílio e a *Odisséia* de Homero. Neste trabalho, porém, buscamos discutir acerca do Amor na lírica camoniana. Na lírica, Camões se destacou principalmente nos sonetos, forma fixa composta por dois quartetos e dois tercetos, que exige muito talento por causa da sua brevidade e da sua estrutura métrica, formada por decassílabos.

Tendo Camões pertencido ao período do Classicismo, século XVI, tem suas concepções perpassadas por discursos vários como o Racionalista, o Humanista, o Renascentista e ao mesmo tempo o Teocêntrico, os três primeiros em evolução na época. Por essa razão sua poesia será atravessada por todos esses discursos e, vale ressaltar, especialmente quando se tratar de poesias lírico-amorosas que falam sobre o Amor, tema que propomos analisar.

Com base nessas informações e apoiando-se em textos de Moisés (1995; 2003) e Saraiva (1966), discutiremos inicialmente como os discursos acima citados influenciaram Camões para adiante analisarmos alguns de seus sonetos com o intento de observar como o Amor é representado, assim como discutiremos acerca de diferentes concepções de Amor adotadas por Camões.

1. O Racionalismo e o Neoplatonismo em camões

Como dissemos anteriormente a lírica de Camões foi atravessada por vários discursos, dentre eles o Racionalista. Segundo Moisés (2003, p. 51) graças a essa influência

Estabelece-se, ou deseja-se, um equilíbrio entre Razão e imaginação com vistas a criar uma arte universal e impessoal. Todavia, a universalidade e a impessoalidade implicavam uma concepção absolutista de arte: esta, deveria expressar verdades eternas e superiores, na medida em que se aproximassem dos arquétipos, ou seja, os modelos greco-latinos.

Por esse motivo os termos Amor, Beleza e Mulher, dentre outros, são grafados nos sonetos de Camões com inicial maiúscula, pois expressam o ideal absolutista desses conceitos que o poeta buscava alcançar. O que Camões pregava não era um amor a uma mulher qual quer, mas o amor à Mulher ideal que carrega em si toda universalidade do conceito de Beleza, de Perfeição. Da mesma forma o poeta busca descrever o Amor, não um amor necessariamente vivido, mas um Amor idealizado, desejado e que expresse um sentimento absoluto, superior. Analisemos um conhecido soneto de Camões no qual o poeta busca conceituar o Amor de forma universal: “Amor é fogo que arde sem se ver; / É ferida que dói e

não se sente; / É um contentamento descontente; / É dor que desatina sem doer;” (CAMÕES, 1997, p. 99) Como vemos, o Amor consiste num sentimento tão amplo que não se pode conceituá-lo diretamente, e por isso o poeta faz uso de várias antíteses e paradoxos para tentar descrevê-lo. Ao fazê-lo busca passar a ideia de um conceito, de um pensamento absoluto sobre o amor, mais do que expressar um sentimento íntimo, subjetivo.

Ao mesmo tempo em que busca alcançar esse ideal Racionalista, Camões, ao usar as antíteses e paradoxos, expressa o Amor como um sentimento contraditório. Vemos essa contradição em outro soneto de Camões “Busque Amor novas artes, novo engenho”, quando no último terceto ele escreve que o Amor é “Um não sei quê, que nasce não sei onde, / Vem não sei como, e dói não sei por quê”. (CAMÕES, 1997, p. 88) É possível notar nesses dois sonetos uma das faces do Amor retratado por Camões: a face contraditória, marcada pelas figuras de antítese e paradoxo, dando justamente a ideia de dúvida, indefinição e ao mesmo tempo universalidade, ideal visado pelos classicistas influenciados pelo racionalismo.

Concomitantemente, Moisés (1995, p. 73) aponta outro pensamento presente no conceito de Amor em Camões:

note-se que a perquirição dum conceito sobre o Amor enraíza-se noutra faceta da mundividência camoniana e mesmo clássica: o *neoplatonismo*, ou melhor, a revivescência das doutrinas de Platão acerca do Amor, como se estampam no *Banquete*. Segundo o seu pensar, a verdadeira realidade reside no *mundo das ideias*, e o mundo sensível se afigura apenas um aglomerado de sombras vagas, lembranças do outro. (Grifos do autor)

Podemos ver uma presença marcante do neoplatonismo no soneto que Camões provavelmente escreveu para Dinamene, sua amada, “Alma minha gentil, que te partiste”, quando nos versos “Se lá no assento etéreo, onde subiste, / Memória desta vida se consente, / Não te esqueças daquele amor ardente / Que já nos olhos meus tão puro viste” (CAMÕES, 1997, p. 92), o poeta vê a sua amada “transsubstanciada em puro espírito” (MOISÉS, 1995, p. 74) e pede para que ela não o esqueça pois ele continua a amá-la, isso porque o amor que o eu-lírico expressa transcende o plano carnal e material e atinge o plano do Amor platônico e cortês que nada pede em troca, apenas vive esse sentimento idealizado colocando-o como base de sua existência. Trataremos disso adiante mais detalhadamente. De modo geral vimos que Camões buscou conceituar o Amor de forma impessoal e universal, mesmo que de maneira contraditória e idealizada, procurando seguir de perto os ideais vigentes e os modelos clássicos, porém sem deixar de imprimir sua genialidade própria, conforme observaremos adiante.

2. As diferentes concepções de Amor em Camões

Na primeira parte deste trabalho expomos a maneira como Camões procurou descrever o amor contraditório e as influências que recebeu do Racionalismo e do Neoplatonismo. Nesse segundo momento iremos elencar outras concepções de Amor adotadas por esse poeta em sua poesia lírica.

Como veremos, Camões falará em seus poemas do Amor platônico, baseado nas ideias de Platão sobre o mundo das ideias; ainda observaremos que recebeu uma forte influência de Petrarca; do Amor cortês, herdado das Cantigas de Amor do Trovadorismo, Idade Média; do Amor carnal em oposição ao Amor espiritual, conflito marcado por suas próprias experiências de vida. Faremos, então, esse recorte e falaremos dessas concepções acima mencionadas.

2.1. O Amor platônico em Camões

Alma minha gentil, que te partiste
Tão cedo desta vida, descontente,
Repousa lá no Céu eternamente
E viva eu cá na terra sempre triste.

Se lá no assento etéreo, onde subiste,
Memória desta vida se consente,
Não te esqueças daquele amor ardente
Que já nos olhos meus tão puro viste.

E se vires que pode merecer-te
Alguma cousa a dor que me ficou
Da mágoa, sem remédio, de perder-te,

Roga a Deus, que teus anos encurtou,
Que tão cedo de cá me leve a ver-te,
Quão cedo de meus olhos te levou. (CAMÕES, 1997, p. 92)

Retomamos esse soneto de Camões para aprofundar, conforme dito na seção anterior, as características neoplatônicas que ele comporta. Para entendermos melhor os princípios neoplatônicos, vejamos essa citação de Hauser (2003, p 314) citado por Machado (2006, p. 18) em sua Dissertação de Mestrado:

O neoplatonismo, tal como o próprio idealismo platônico, era a expressão de uma atitude puramente contemplativa diante do mundo e, como toda filosofia que se apóia em idéias puras como únicos princípios terminantemente válidos, implicava uma renúncia às coisas da realidade comum. Seja como for, a doutrina platônica, que é tão fácil de diluir e traduzir em termos puramente poéticos.

Adotando esse ideal filosófico de Platão e aplicando-o ao conceito de Amor, podemos entender este como um sentimento que deve ser mais idealizado do que mesmo vivido e encontramos essa marca no soneto de Camões transcrito acima. Nele o eu-lírico manifesta o seu amor por uma mulher que já partiu (“Alma minha gentil, que te partiste”) tornando a presença física algo desnecessário e valorizando apenas o ideal, que é o Amor, pois é isso que o eu-lírico busca: completar-se espiritualmente por meio desse amor sem que a matéria seja necessária.

Esse pensamento camoniano foi largamente influenciado por Petrarca, que também influenciado pelo neoplatonismo escreveu sobre Laura, personagem que depois de morta serviu de principal inspiração à lírica petrarquista. Saraiva (1966, p. 342) descreve bem a ligação entre Camões e Petrarca:

Nos seus sonetos [Camões], odes, canções e redondilhas, a mulher amada aparece iluminada por uma luz sobrenatural que lhe transfigura as feições carnis: luminosos são os cabelos de ouro, e o olhar resplandecente tem o condão de serenar o vento; a sua presença faz nascer as flores e até enternecer os troncos das árvores. Toda a sua figura é o revestimento corpóreo de um ideal: respira gravidade, serenidade, altura. No retrato da Amada, Camões não fez mais do que seguir o padrão de Laura.

Conforme esclarece Saraiva, Camões descrevia a Mulher como um ser dotado de beleza tal que era vista como uma deusa, como um ser sobrenatural que não devia ser desejada fisicamente, mas amada e idolatrada como um ser superior capaz de dar vida às coisas a sua volta só com sua beleza. Essa Mulher servia de foco para onde o homem devia destinar todo aquele Amor supremo e idealizado pelo qual vivia. Vejamos um outro soneto no qual Camões fala dessa adoração:

Quem vê, Senhora, claro e manifesto
O lindo ser de vossos olhos belos,
Se não perder a vista só com vê-los,
Já não paga o que deve a vosso gesto.

Este me parecia preço honesto;
Mas eu, por de vantagem merecê-los,
Dei mais a vida e alma por querê-los,
Donde já me não fica mais de resto.

Assim que a vida e alma e esperança,
E tudo quanto tenho tudo é vosso;
E o proveito disso eu só o levo.

Porque é tamanha bem-aventurança
O dar-vos quanto tenho e quanto posso,
Que quanto mais vos pago, mais vos devo. (CAMÕES, 1997, p. 86)

Ora, o olhar dessa “Senhora” é tão belo que a vista seria o preço de admirá-lo. Apenas admirá-lo já seria motivo de satisfação para o homem. Está também presente nesse soneto a ideia de submissão do homem à mulher amada a quem o homem serve sem pedir nada em troca, o desejo de estar próximo mesmo que apenas para admirá-la, mesmo que ela não saiba que ele a ama, e mesmo que ela não corresponda. Esse soneto, assim com o anterior, traz o ideal de Amor platônico que coloca a mulher como um ser iluminado que leva o homem a atingir seu ideal de felicidade por meio do amor espiritual. Podemos ainda perceber nesse soneto características do Amor cortês (“Que quanto mais vos pago, mais vos devo.”) que será analisado na seção seguinte.

2.2. O Amor cortês em Camões

Sete anos de pastor Jacó servia
Labão, pai de Raquel, serrana bela;
Mas não servia ao pai, servia a ela,
E a ela só por prêmio pretendia.

Os dias, na esperança de um só dia,
Passava, contentando-se com vê-la;
Porém o pai, usando de cautela,
Em lugar de Raquel lhe dava Lia.

Vendo o triste pastor que com enganos
Lhe fora negada a sua pastora,
Como se a não tivera merecida,

Começa de servir outros sete anos,
Dizendo: – Mais servira, se não fora
Para tão longo amor tão curta a vida! (CAMÕES, 1997, p. 84)

Nesse soneto de Camões, conforme veremos, está presente de forma clara as características do Amor cortês. Vejamos como Auerbach (1972, p. 117) *apud* Vaghetti (2002, p. 43) descreve a teoria do Amor cortês:

a teoria do amor cortês (...) comportava uma dominação absoluta da mulher: o homem era encarado como um escravo que devia obedecer cegamente todas as ordens de sua senhora e servi-la, mesmo sem esperança de recompensa, até a morte; ela, no entanto, tem o direito de fazê-lo sofrer ou de recompensá-lo, conforme lhe aprouver, sem se importar nem com os sofrimentos do amante nem com os direitos do marido; pois o apaixonado não é nunca o marido, mas um terceiro: o adultério se torna um direito da mulher.

Essa descrição do Amor cortês feita por Auerbach é mais fiel às Cantigas de Amor da Idade Média, quando os trovadores escreviam suas cantigas destinadas a senhoras que eles não podiam nem revelar o nome, pois eram geralmente mulheres da corte, casadas ou de uma posição social mais elevada que a sua, e por isso não podiam ou não queriam corresponder a esse amor. Contudo, o trovador vivia por esse sentimento e aceitava a condição de vassalo de sua amada, servindo-a sem receber nada em troca. Esse tipo de amor é também marcado pelo neoplatonismo.

Essa teoria, no entanto, é perfeitamente aplicável ao soneto de Camões, no qual fala que Jacó serviu sete anos ao pai de Raquel, Labão, esperando recebê-la em casamento “Mas não servia ao pai, servia a ela”. O pastor trabalhou todo esse tempo para poder estar perto de Raquel e servi-la, na esperança de um dia poder tê-la como esposa. Contudo, como na época era tradição casar primeiro as filhas mais velhas, e Raquel tinha uma irmã mais velha, Lia, Labão deu a Jacó a mão desta última em casamento, como diz os seguintes versos do soneto: “Porém o pai, usando de cautela, / Em lugar de Raquel lhe dava Lia.”

Como é característico dos sonetos, é nos dois últimos tercetos onde acontece o desfecho do poema e, nesse caso, onde o Amor cortês aparece marcado de forma mais acentuada: “Vendo o triste pastor que com enganos / Lhe fora negada a sua pastora, / Como se a não tivera merecida, / Começa de servir outros sete anos, / Dizendo: – Mais servira, se não fora / Para tão longo amor tão curta a vida!”. Jacó, vendo que perdia sua amada, resolve servir outros sete anos a Labão só para poder estar junto de Raquel. Nessa passagem fica clara a relação de susserania e vassalagem entre Raquel e Jacó, quando esse último se dispõe a trabalhar outros sete anos mesmo sabendo que nunca poderá ter de maneira concreta o amor de Raquel.

Camões mais uma vez surpreende, adotando outra concepção de Amor e adaptando-a de seu contexto mais antigo, para sua época.

2.3. O Amor espiritual em oposição ao Amor carnal

Transforma-se o amador na cousa amada,
Por virtude do muito imaginar;
Não tenho logo mais que desejar,
Pois em mim tenho a parte desejada.

Se nela está minha alma transformada,
Que mais deseja o corpo de alcançar?
Em si somente pode descansar,

Pois consigo tal alma está liada.

Mas esta linda e pura semideia,
Que, como o acidente em seu sujeito,
Assim com a alma minha se conforma,

Está no pensamento como idéia;
[E] o vivo e puro amor de que sou feito,
Como a matéria simples busca a forma. (CAMÕES, 1997, p. 85)

Nesta terceira parte teremos uma temática amorosa que de certa forma une as duas anteriores e as opõe ao Amor carnal. Tendo Camões vivido amores proibidos e uma singular experiência cultural, ele não se restringiu a descrever o Amor apenas no seu aspecto abstrato, mas procurou, em meio a toda essa influência do neoplatonismo e do Amor medieval, buscar entender e expressar o Amor carnal que na suas obras vai aparecer em conflito com o Amor espiritual.

No soneto acima transcrito, Camões procura resolver essa tensão por meio da própria teoria neoplatônica e da teoria aristotélica da matéria, conforme explica Saraiva (1966, p. 345):

o conhecido soneto *Transforma-se o amador na cousa amada* recorre à metafísica aristotélica para explicar que a Ideia platônica da Beleza e do Bem, desperta pela amada no seu espírito, não passa afinal de uma como que matéria indefinida, que só objectivando-se numa forma plena (e femininamente) humana, corpo e alma, se consuma. O problema radical de Camões é, portanto, o de realizar a síntese sempre procurada, por vezes entrevista, mas nunca consumada, entre aquilo que há de infinito e de finito na sua ânsia mais típica, a do amor; é o da síntese entre a eternidade pressentida e as suas possibilidades viventes. (Grifo do autor)

Esta síntese desejada da qual fala Saraiva, pode ser “entrevista” no último terceto do soneto, no qual o poeta diz que sua amada “Está no pensamento como idéia, / E o vivo e puro amor de que sou feito, / Como a matéria simples busca a forma.” Ele procura explicar que o sentimento puro existe, mas mesmo que seja espiritual, mesmo que complete a alma, ele busca a concretização que só pode ser alcançada por meio da figura feminina, marcando assim o aparecimento do amor carnal.

No entanto Camões condena esse Amor carnal como vemos nesta redondilha: “E aquela humana figura / que cá me pôde alterar / não é quem se há-de buscar: / é raio de Formosura / que, só, se deve de amar.” (CAMÕES, 1997, p. 60) Aqui a mulher aparece como “humana figura” para representar a beleza carnal, porém o poeta afirma que essa figura “não é quem se há-de buscar” e sim “que, só, se deve de amar”, valorizando assim o Amor espiritual em detrimento do Amor carnal, como melhor expõe Saraiva (1966, p. 343): “O corpo não passa, portanto, de reflexo da Beleza pura. E é esta que deve procurar-se, sacrificando aquele”.

Toda essa tensão entre o espiritual e o carnal é marcada pela própria condição humana controversa em que viveu Camões, toda a sua obra é atravessada por uma autossondagem que o poeta fazia de se mesmo e expressava por meio de sua poesia. A esse respeito escreveu Saraiva (1966, p. 345):

Dentro da concepção do mundo em que o nosso poeta se formou, a mulher ora aparecia, em estilo cortês medieval e neoplatônico, como suserana

distante ou mensageira dos Céus, ora, de um modo mais renascentista, como presa de caça nos jardins de Vênus. Incapaz de uma síntese pròpriamente doutrinária, teve Camões génio para nos transmitir, entre os dois pólos da contradição, uma tensão poética bem superior à da simples plangência espiritualista de Petrarca, seu modelo; dá-nos uma idealidade amorosa mais realista nas suas raízes instintivas, uma mais larga realidade idealizada.

E foi esse engenho que fez de Camões o representante do período classicista e precursor do Barroco; nunca conformado apenas com o imitar ou em seguir apenas uma concepção, foi capaz de trazer inovação para todos os estilos poéticos de sua época.

Considerações finais

Como vimos, o Amor é representado em Camões de diversas maneiras: no Amor contraditório, marcado pelo uso das antíteses e pelo ideal racionalista da universalidade; nas concepções de Amor platônico e de Amor cortês, marcados pela idealização da mulher como ser divino que serve de ponte para que o homem alcance a completude da alma por meio do Amor puro; e no Amor canal em oposição a esses primeiros, mostrando que mesmo que o homem deseje esse Amor espiritual, ele também deseja ver sua amada corporalmente, contradição essa marcada pela própria experiência amorosa de Camões. Enfim, independentemente da concepção de amor adotada o que chama a atenção é a “arte e o engenho” com o qual Camões escreve seus poemas líricos: seguiu a estética clássica baseada nos modelos Greco-latinos, sofreu influência de Petrarca, mas imprimiu sua genialidade, sua subjetividade em cada soneto, justificando assim o chamarmos de o primeiro grande poeta da Língua Portuguesa.

Por fim, entendemos que essas várias faces do amor em Camões não aparecem exatamente separadas umas das outras; é possível notar uma mescla de mais de uma concepção em seus poemas, causando essa contradição tão presente no homem renascentista ainda atravessado pelo ideal teocêntrico. Esperamos que, mesmo de forma resumida, tenhamos conseguido discutir de maneira clara as concepções de Amor analisadas, e de alguma forma contribuído para a valorização das pesquisas na área da literatura lírica camoniana.

Referências

- AUERBACH, Eric. **Introdução aos estudos literários**. (Trad. José Paulo Paes). São Paulo: Cultrix, 1972. *Apud* VAGHETTI, André Luis do Amaral. **A representação da mulher na lírica camoniana**. Dissertação de Mestrado. Curso de Pós-Graduação em Letras, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes. Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2002.103p. Disponível em: <http://dspace.c3sl.ufpr.br/dspace/bitstream/handle/1884/24566/D%20%20VAGHETTI,%20ANDRE%20LUIS%20DO%20AMARAL.pdf?sequence=1>. Acesso em: 21/02/2012.
- CAMÕES, Luiz de. **Lírica: redondilhas e sonetos**. Tradução de Geir Campos; seleção e notas de Massaud Moisés. Rio de Janeiro: Ediouro, 1997.
- HAUSER, Arnold. **História social da Arte e da literatura**. São Paulo: Martins Fontes, 2003. *Apud* MACHADO, Danilo Maciel. **O amor como falta em Caio Fernando Abreu**. Dissertação de Mestrado. Programa de pós-graduação em Letras, Mestrado em História da Literatura. Fundação Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2006. 103p. Disponível em: <http://www.ppgletras.furg.br/disserta/danilomachado.pdf>. Acesso em: 21/02/2012.
- MOISÉS, Massaud. **A literatura portuguesa através dos textos**. São Paulo: Cultrix, 1995.

_____. **A literatura portuguesa**. São Paulo: Cultrix, 2003.

SARAIVA, António José e LOPES, Óscar. **História da literatura portuguesa**. Porto: Porto Editora, 1966.